

Che, em alguma hipótese, matou inocentes?

Fragmento tirado de uma entrevista em que o Jon Lee Anderson prestou para o site CartaCapital que é autor da biografia mais completa até hoje sobre o homem responde essa pergunta:

CC: Che foi um assassino frio e cruel? Tinha prazer em matar?

JLA: Che queria mudar o mundo. Não foi cruel. Foi, isto sim, uma pessoa muito rigorosa e teve um período severo (mas totalmente justificado pelas normas da guerra) na guerrilha cubana com traidores, desertores e demais. Executou algumas pessoas e ordenou a execução de outras. Depois do triunfo, presidiu os tribunais para criminosos acusados de delitos pelo antigo regime, tais como tortura, violação e assassinato. Centenas deles foram julgados e justicados. Posteriormente, houve uma tentativa de um grupo de críticos da revolução cubana de reviver essa época para apresentar o Che como uma espécie de assassino em série, como fez Veja. A verdade é que Che se portou como um soldado encarregado de uma tropa em precárias condições e com a responsabilidade de um oficial. Não fez nem menos nem mais do que qualquer outro militar confrontado com situações de vida ou morte. Não se regozijou de matar, assumiu-o como um mal necessário da guerra, por sua vez necessária para mudar o regime cubano de Fulgencio Batista. Ninguém nunca acusou Che e seus combatentes de haver matado soldados inimigos capturados, nem os feridos que encontraram. Ao contrário: Che os socorreu pessoalmente ou providenciou para que fossem socorridos. Em alguns casos liberou soldados presos, à diferença da tropa de Batista, que assassinou rebeldes capturados e civis simpatizantes também. Descontextualizar as ações de Che na guerra, além de tendencioso, é totalmente absurdo do ponto de vista histórico.

"Ainda não encontrei uma única fonte credível apontando para qualquer caso em que Che tenha executado "um inocente". As pessoas executadas por ele ou sob suas ordens foram condenadas pelos crimes usuais puníveis com a morte em tempos de guerra ou em suas consequências: deserção, traição ou crimes como estupro, tortura ou assassinato. Devo acrescentar que minha pesquisa durou cinco anos e incluiu cubanos anti-castristas entre a comunidade exilada cubano-americana em Miami e em outros lugares."

Jon Lee Anderson na biografia do Che, A Revolutionary Life

Che era racista?

Essa pergunta não melhor resposta além de: quando? Em qual período você se refere da vida de Che? De fato, em sua obra "Diários de Motocicleta" há duas passagens racistas de Ernesto com 24 anos. No entanto, sabemos que Che se tornou um anti-racista ferrenho quando se tornou revolucionário. Che lutou contra o apartheid no Congo e expôs para o mundo inteiro a negligência e racismo dos EUA quanto população negra e latina. Além disso, Che propôs a Lei 007, que proibia expulsar negros de lugares públicos como praças ou praias e deixar de demitir ou contratar alguém por razões racistas.

"Aqueles que matam seus próprios filhos e os discriminam diariamente pela cor da sua pele; aqueles que deixam os assassinos de negros livres, os protegendo e punindo a população negra por exigir seus direitos legítimos como homens livres - como podem se considerar os guardiões da liberdade? Nós entendemos que a Assembléia de hoje não é para explicar essas questões. Deve ser esclarecido, porém, que o governo dos Estados Unidos não é o agente da liberdade, mas sim o perpetuador de exploração e opressão contra povos em todo mundo e de uma grande parte de sua própria população." - Guevara em seu discurso da ONU.

Che fuzilava LGBTQ+?

Sem sombras de dúvida, essa é a maior falsificação histórica que envolve Che. É universalmente conhecido que Cuba em suas primeiras décadas perseguiu homossexuais e teve um tratamento horrível com a população LGBTQ+. Não há, de forma alguma, como negar isso.

O que devemos concordar, no entanto, é que não há nenhuma evidência histórica que Ernesto perseguiu homossexuais. Quando a perseguição se intensificou, Che estava lutando no Congo.

O jornalista Jon Lee Anderson responde mais uma vez essa pergunta, em uma entrevista ao portal The Nation:

"...Eu recebo perguntas também sobre sua homofobia e racismo, e acho que nenhum dos dois foi válido ou relevante na vida dele. O que ele achava de casamento homoafetivo? Provavelmente nada. Homossexualidade era crime em todos os países do mundo em 1960. Eu não sei a visão dele sobre homossexualidade, mas eu sei que existiam algumas pessoas que eram homossexuais viviam ao redor dele, mas ele não perseguiu nenhuma [...]"